

A REALIDADE E AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS PELO UMWELT EM “O PRIMO BÁSILIO” DE EÇA DE QUEIRÓS

THE REALITY AND THE RELATIONS ESTABLISHED BY UMWELT ON "O PRIMO BASILIO" EÇA DE QUEIROS

Carlos Alberto Correia¹

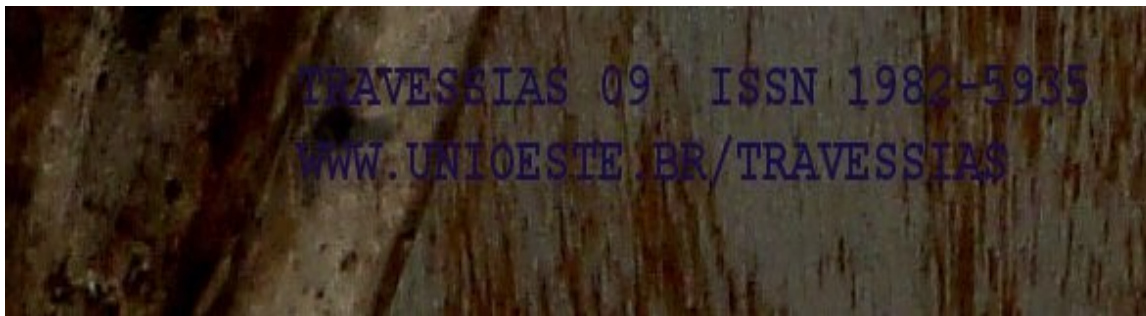
RESUMO: O que diferencia o Realista-Naturalismo dos movimentos anteriores é a tentativa de explicar o mundo real por meio da ficção e do conhecimento científico. A literatura seria um produto de observação objetiva e natural do mundo real, e nela predominaria a influência do meio ambiente. Assim, o homem seria como uma máquina guiada pelas ações das leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social. A partir dessa reflexão este estudo discorrerá sobre a formação do Umwelt, do Ciclo Funcional e dos universos-subjetivos de alguns personagens da obra “O primo Basílio” do escritor Realista-Naturalista Eça de Queirós. O trabalho contará com a análise do romance publicado em 1878 e de duas adaptações audiovisuais desse romance. O foco recai especificamente na aplicação da teoria de Thure Von Uexkull e seu filho Jacob Von Uexkull, além de perpassar pela teoria da Realidade pierciana e o processo de ressignificação dos novos signos atribuídos as obras.

PALAVRAS CHAVES: Umwelt; Ciclo Funcional; O Primo Basílio; Adaptação audiovisual; Literatura.

ABSTRACT: The thing that separates realistic Naturalism movement above is the attempt to explain the real world through fiction and of scientific knowledge. The literature would be a product of objective observation of the natural and the real world, and in it the predominant influence of the environment. Thus, the man would be like a machine guided the actions of physical and chemical laws, by heredity and the physical and social environment. From this reflection on this study will discuss the formation of the Umwelt, Cycle Functional and subjective universes of some characters from the novel "O primo Basilio" Realist-Naturalist writer Eça de Queiros. The work will include analysis of the novel published in 1878 and two audiovisual adaptations of the novel. It focuses specifically on the application of the theory of Thure von Uexkull and his son Jacob Von Uexkull, and pervade the theory of Reality pierciana and the process of redefinition of the new signs assigned works.

KEY WORDS: Umwelt; Cycle Functional; O Primo Basilio; Audiovisual Adaptation; Literature.

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – UFMS. Professor da Rede Pública Municipal e Estadual de Campo Grande – MS. Especialista pela UNIGRAN. Graduado em Letras pela FAFIPE. E-mail: calcorreiasp@gmail.com



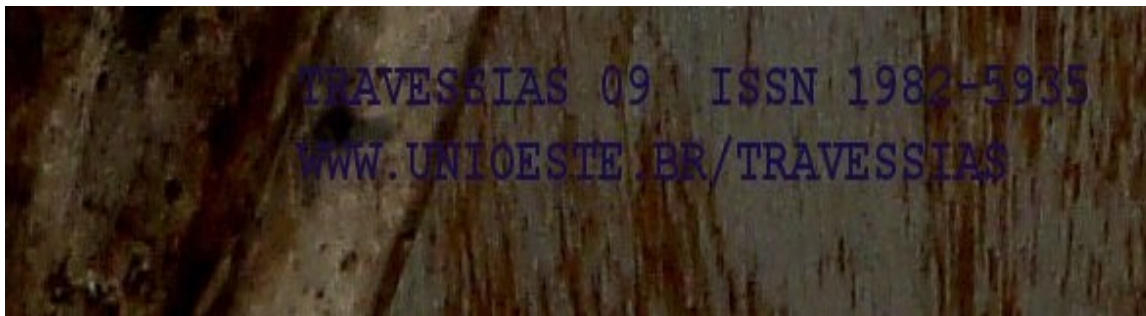
Introdução:

O ato de relatar histórias passou, desde o surgimento da arte do Cinema, a integrar a gênese cinematográfica, correlacionando assim, cinema, televisão e literatura através do processo de adaptação de obras literárias para o meio audiovisual. Podemos constatar neste processo a forte valorização dos recursos visuais na sociedade contemporânea, que se vale da imagem para ilustrar quase tudo que nos cerca. Este estudo, lança mão da análise de diferentes adaptações para o audiovisual de um clássico da literatura portuguesa “*O primo Basílio*”. Essas versões audiovisuais constituem uma nova produção que mantêm relações, em maior ou menor grau, com o original entrelaçadas pelo diálogo que se estabelece entre a cultura da palavra e da imagem.

Sabe-se que toda adaptação deve necessariamente transformar o texto do qual faz parte, uma vez que se utilizará de signos e códigos diferentes em sua feitura, perpassando por um processo de releitura muito comum nas obras da atualidade. Por isso este trabalho analisa as produções deslocadas de suporte original e sua matriz, o romance. As obras audiovisuais em análise se concentram em suportes diferenciados, sendo uma minissérie para televisão e um filme.

A adaptação televisiva foi executada por Gilberto Braga e Leonor Basséres, com a produção de Daniel Filho. A minissérie global estreou em agosto de 1988, sendo exibida em 16 capítulos de terças às sextas-feiras, 22h. Porém, este estudo se dará a partir de um box lançado pela globo marcas em 2007.

Outro suporte a ser estudado é o filme dirigido por Daniel Filho, lançado em agosto 2007, sendo distribuído pela Buena Vista distribuidora, com a duração de 104 minutos, que também narra a história de uma jovem que, na ausência do marido, estabelece um envolvimento amoroso com o seu primo. O enredo fílmico desenvolve-se em 1958, os recém-casados Jorge (Reynaldo Gianecchini) e Luísa (Deborah Falabella) circulam nos mais finos eventos da sociedade paulistana. Ele é um engenheiro contratado para trabalhar nas obras de construção da nova capital brasileira, Brasília; por isso, afastar-se-á de seu lar. Luísa, uma jovem frágil e carente, logo sente falta da companhia do marido e acaba

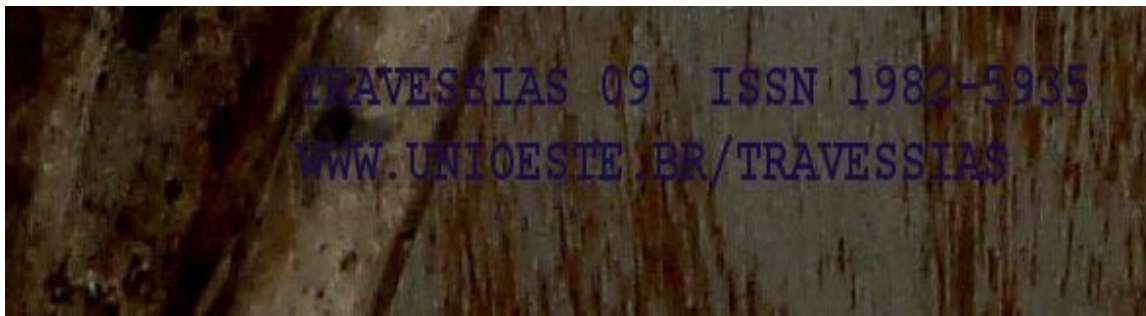


engatando um caso com o sedutor Basílio (Fábio Assunção), um primo que estava morando na Europa e com quem havia vivido um romance no passado. Os problemas começam quando sua empregada, Juliana (Gloria Pires), descobre um bilhete de Basílio. Aos poucos, a invejosa funcionária transforma a vida de Luísa num verdadeiro tormento.

O trabalho de transcodificação elaborado pelo adaptador e pelo próprio diretor pressupõe uma leitura crítica desse texto. A adaptação não só efetua ampliações ou reduções na narrativa, como também mantém um diálogo com todo o universo da cultura, não apenas com a obra literária que a motivou, mas com todo aparato cultural de sua época. O adaptador pode, ao conceber o seu texto, dar-lhe novos significados, deslocar alguns, subverter outros. É nesse sentido que este artigo buscará discutir, em termos gerais, as relações dialógicas e intertextuais que se manifestam entre a literatura e o processo de adaptação na obra de Eça de Queirós. O foco do estudo recai, especialmente, na reelaboração de mecanismos para ajustar a história, ou até mesmo transportá-la do livro para tela, perpassando pelos diversos símbolos que foram concebidos para essa transposição, assim como as funções e ampliações do Ciclo Funcional e da teoria estruturada por Jakob Von Uexkull, a teoria do “Umwelt”.

Contexto histórico-social de produção do romance

O século XIX, sobretudo em sua segunda metade, período em que fora escrito o romance em análise, representa uma das fases mais ativas, do ponto de vista intelectual e literário, da história européia. Nesse contexto, tem-se um Portugal regenerado, recuperado da aguda crise enfrentada principalmente pela independência do Brasil na primeira metade do século. Essa crise econômica só iria resolver-se a partir de 1851, quando se iniciou o período histórico conhecido como Regeneração, que pretendia reerguer o país. Em *História social da literatura Portuguesa (1985)*, Abdala Junior e Maria Aparecida Paschoalin tratam desse período apontando a formação de uma nova classe social, a denominada pequena burguesia citadina, que sai do campo para cidade a fim de desfrutar do progresso e dos melhoramentos materiais e sociais que lhes proporcionados pela riqueza advinda da produção agrícola. Seguindo os autores

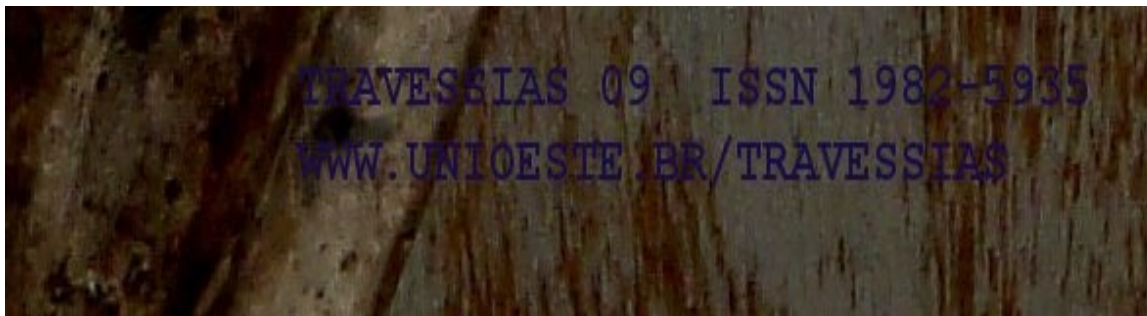


A política econômica desenvolvimentista seguida pelo regime liberal trouxe grande aumento da produção agrícola, beneficiando os proprietários da terra, que passaram a residir nas cidades. Em consequência, temos o crescimento de uma classe média citadina, de raízes agrárias, que veio somar-se à comercial, grupo social bastante beneficiado pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicação. (ABDALA JÚNIOR, PASCHOALIN, 1985. p. 99.)

É neste contexto, com o surgimento de uma nova classe social, a denominada pequena burguesia citadina, que se inicia um novo movimento literário: o *Realismo*, o qual evoluiu gradativamente para o Naturalismo. A ascensão deste estilo de literatura, em Portugal, foi propiciada nessa época em que a alta burguesia já não mais assumia o controle do país. Esta classe emergente favoreceu o crescimento da produção literária, passando a consumir cada vez mais jornais, revistas, romances, transformando-se num público significativo, e como tal, queriam ver seus mundos retratados na literatura por meio da representação da realidade, tanto a situação social, econômica, quanto à política. Esses fluxos significativos desses meios de informação irão propiciar aos escritores e jornalistas a possibilidade de crítica social. Dentre muitos escritores desse período destaca-se *Eça de Queirós*, que através de seu estilo e crítica, delineou o perfil da sociedade lisboeta do século XIX.

O Primo Basílio é uma obra fundamental do Realismo-Naturalismo português. O movimento Realista-Naturalista é posterior ao Romantismo o qual teve suas primeiras manifestações literárias nos países europeus mais desenvolvidos, principalmente na Alemanha e na Inglaterra. Da mesma forma como ocorreu nos países europeus, em Portugal, o movimento romântico também remonta à evolução econômico-social e política da burguesia. A nobreza perde o poder político e econômico, e, a burguesia passa então a ditar seus valores e costumes. Nessa perspectiva, surge nesse cenário um novo público-leitor, que tem sua origem na burguesa cuja formação literária advém de leitura de jornais vendidos agora a preços acessíveis.

Além disso, a elevação do poder aquisitivo da classe média e um sistema de impressão em escala comercial propiciaram o alargamento do mercado consumidor. Se no classicismo tínhamos um público aristocrático, palaciano, agora este é mais amplo e precisava ser motivado para adquirir a obra de arte. Há, nesse setor, como no



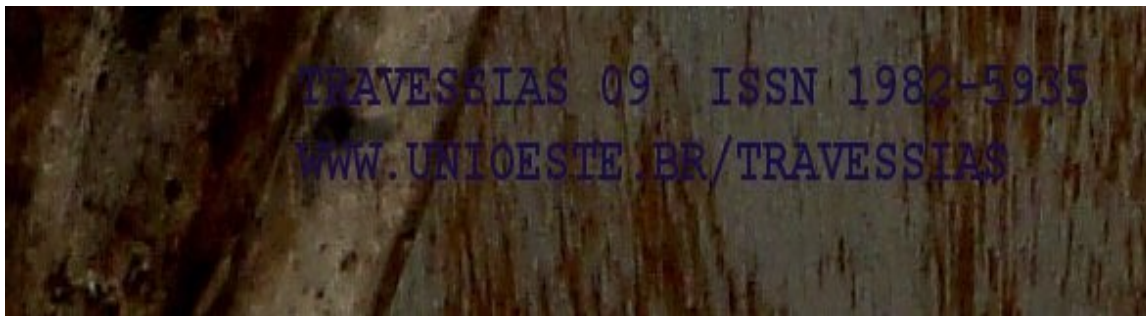
conjunto da sociedade, uma democratização da cultura. (ABDALA JÚNIOR, PASCHOALIN. Op. Cit. p.78.)

A formação dessa nova classe social e seu êxodo para cidade contribuiu de forma incisiva para a valorização da educação e avivamento da vida cultural nos grandes centros, além, é claro, de impulsionar o aumento do consumo de jornais, ato que irá funcionar como um meio de democratização cultural. Assim, os meios de informação, tais como: jornais e romances desse período irão refletir a concepção geral da vida portuguesa da época.

Eça e o movimento Realismo

Se valendo da grande possibilidade proposta pela literatura, o escritor português Eça de Queirós tece uma veia de críticas à sociedade burguesa de sua época. Caminhando na esteira de Gustave Flaubert e Émile Zola, o escritor aguça discussões polêmicas em seus romances que vão desde a corrupção e falta de moral por parte do clero, a falta de parâmetros na educação feminina, o adultério, a indecência moral e social de uma sociedade, dentre outros assuntos. Tem-se nesse período a literatura como grande fonte denunciadora e “reparadora” da sociedade. Ao se referir ao Realismo português, o crítico Massaud Moisés (2003), aponta para seguinte afirmação: “o romance passa a ser, no Realismo, obra de combate, arma de ação transformadora da sociedade burguesa dos fins do século XIX. Torna-se instrumento de ataque e demolição (p. 189)”. Portanto, a literatura passa a ser um importante veículo de denúncia social e arma transformadora de uma sociedade.

Massaud Moisés amplia a discussão em seu livro: *A Literatura Portuguesa (2003)*, ao atribuir à literatura a possibilidade de escancarar os problemas e propor soluções. O autor compara os escritos realistas a um bisturi, pois para ele a escrita deveria funcionar como veículo denunciador dos problemas sociais. A comparação é viável, pois um médico com o auxílio de um bisturi consegue perfurar o corpo e focalizar as chagas de seu paciente, assim também, deveria funcionar um romance realista, como um instrumento que ampliasse a visão de quem o lê e possibilitasse um maior esclarecimento, já que



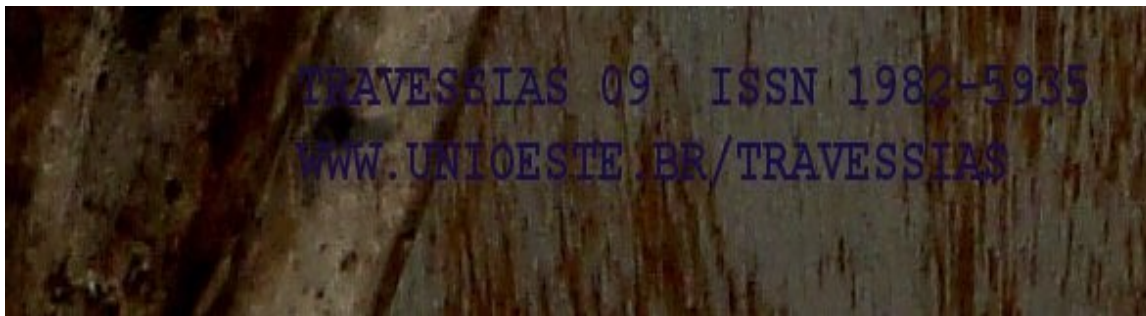
O bisturi ia diretamente á grande chaga social e expunha-a friamente, no intuito inicial e principal de moralizar, reformar, pela revelação do erro. Dar-se-ia a Burguesia a possibilidade de tomar consciência da situação, encontrar saída honrosa para ela. (MOISÉS, op. cit., p, 190).

Eça de Queirós é um dos principais autores que aderiram a este movimento literário. O escritor não é apenas um analista, como propunha o realismo, nem somente um artista, mas também um moralista. A escrita de Queirós tem finalidades éticas e sociais, pois o autor se propõe atingir por meio de seus personagens destituídos de força moral a sociedade lisboeta, sugerindo uma reforma social para a burguesia do século XIX. Massaud Moisés analisa a concepção do romance realista e afirma que

para pôr à mostra o declínio da instituição burguesa, os realistas atacaram de frente o seu núcleo; o casamento, trazendo a nu as misérias que os destroem como alicerce da Burguesia, misérias essas condensadas no adultério, tornando lugar-comum elegante. (MOISÉS, Ibid. p. 190)

A forma de arte praticada por Eça corresponde ao que se denomina arte “engajada”. A tese social sustentada pelo autor é a crítica à educação da mulher nos moldes românticos, com a conseqüente denuncia do modo como realizava o casamento na media burguesia de Lisboa. O pano de fundo é a existência coletiva dessa burguesia, revelava acentuada degradação moral.

Portanto, em *O primo Basílio* tem-se o adultério como trama principal, em que o casamento, um dos pilares da sociedade burguesa do século XIX, é profundamente criticado. O cenário retratado perde o caráter de “perfeição”, o caos da vida moderna passa a ser pintado na literatura e a forma para demonstrar essa desordem social é o romance. O movimento *Realismo* seria a principal diferença entre o romance do século XIX e a ficção anterior, o Romantismo. A palavra “realismo”, nesse caso, não tem o sentido de oposição ao idealismo, muito presente na estética romântica, mas identifica a busca por retratar todo tipo de experiência humana. Logo, pode-se concluir que o realismo proposto por Eça, não está no tipo de vida apresentada, mas no modo como a apresenta. Este romance incorpora uma visão circunstancial da vida através de uma corrente que impulsionou o escritor português, o Realismo-Naturalismo.



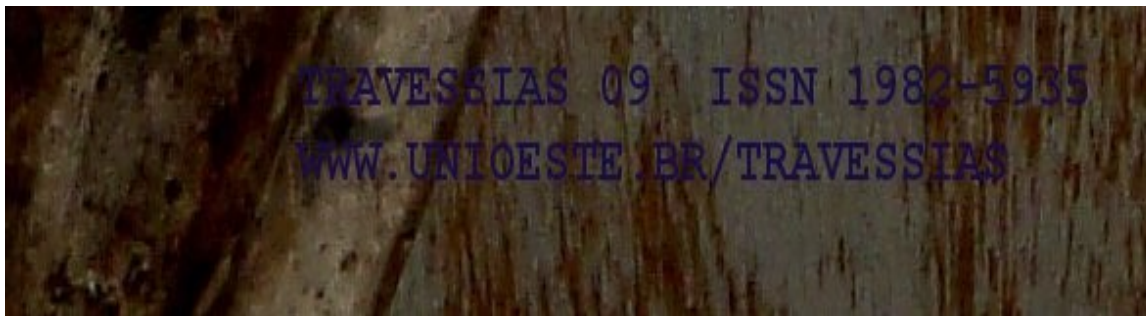
O realismo de Pierce

Ao se analisar a trama *d'O primo Basílio* e a concepção proposta pelo movimento Realista, pode-se perceber que o enredo e suas amalgamas estruturais se pautaram na realidade contemporânea do escritor. Ao lançar mão de seu cotidiano, Eça possibilita vida as suas escrituras, pois ao narrar a experiência individual de seus personagens, o autor propicia ao máximo à impressão de fidelidade e expressividade à experiência humana. Partindo dessa perspectiva, também podemos associar a obra do escritor português aos estudos sobre a realidade propostos por Charles Pierce, que se vale da análise das experiências humanas em relação ao mundo.

Para Pierce, a análise da realidade parte na verdade, de uma análise da mente humana. Para tal, o estudioso propõe uma categorização de fenômenos que encampam várias áreas, tais como: do conhecimento, das experiências de vida, das faculdades inseridas mente. Com base nessa vertente, estabeleço a conexão entre os estudos piercianos, no tocante a realidade, e a obra de Queirós, pois, assim como Pierce, a obra de Eça, especificamente "*O primo Basílio*" pode ser analisada por meio de ações comportamentais, de conhecimento científico (lembrando que a corrente do Realismo era impulsionada pela corrente do saber científico, temos nesse período: o positivismo, o determinismo, o evolucionismo, as correntes científicas filosóficas do século XVIII e XIX que abarcavam os estudos, inclusive os literários), além da objetividade, vale lembrar que mais associações serão feitas no desenrolar do trabalho. Um dos questionamentos que perpassam a obra de Pierce, e se intensifica nesse trabalho é como a realidade acaba sendo percebida pelo homem¹? Para solucionar esse impasse, o estudioso se vale da concepção de *Semiose*², que segundo o próprio Pierce nada mais é do que

(..) uma ação ou influência que consistiu em, ou envolve, a cooperação de 3 sujeitos, o signo, o objeto, e o interpretante; influência tri-relativa essa que não pode de forma alguma ser resolvida em ações entre pares. (GODOY DE SOUZA apud VIEIRA, p.109, 2001)

Assim sendo, é o fluxo dessas informações entre os três sujeitos, propostos pelo sistema de semiose, que propiciam (re)conhecimento de determinada ação, circunstância ou objeto por faculdades no cérebro. Essas informações sensoriais são processadas, organizadas, comparadas e juntas formam uma imagem mental, aquela que sugere a certeza



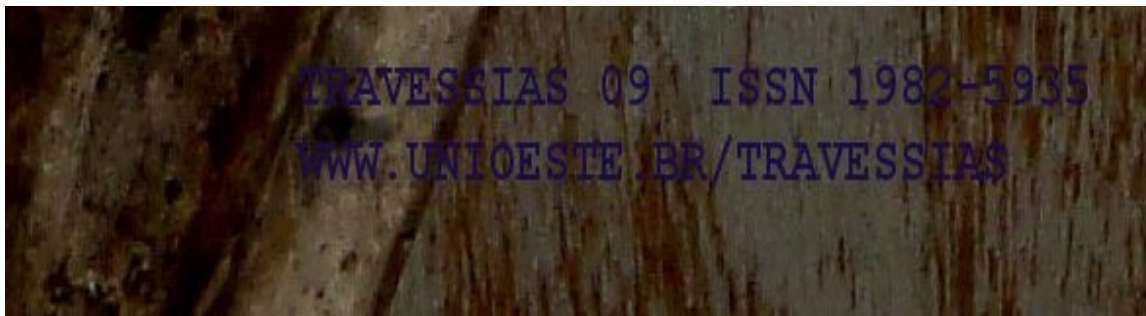
do real ou da realidade. Pensando nisso, Pierce divide essas faculdades em três categorias sensoriais, sendo então: Primeiridade, Segundidade e Terceiridade. Ibri, ao estudar a obra pierciana atenta para o resumo das três categorias afirmando que: “As três faculdades requeridas podem assim, ser resumidas como *ver, atentar para e generalizar*, despindo da observação de recursos especiais de cunho mediativo” (GODOY DE SOUZA apud IBRI, 2001, p.81).

Portanto com base no dizer de Ibri, pode-se entender que os conceitos estabelecidos por Pierce sugerem que a primeira faculdade da mente, trata de ver apenas o que é a natureza, sem qualquer tipo de julgamento o que não possibilita, nessa etapa, qualquer manifestação de interpretação. A segunda faculdade é caracterizada como aquela que permite a compreensão da existência do outro, trata-se de uma faculdade de perceber o objeto, o que faz com que, se constate a existência do outro, do próprio eu. Já a terceira faculdade da mente é responsável pela geração de sentido, conceitual. Ibri sintetiza as ações dessas faculdades ao afirmar que

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída como um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo de alguma outra coisa; terceira, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento. (GODOY DE SOUZA apud IBRI, 2001, p.84).

Logo, a produção de Eça pode ser analisada pelo prisma de Pierce, pois a estrutura da obra exige de seu apreciador as habilidades propostas pelo estudioso.

Já que para (re)conhecimento daquela realidade, o leitor perpassa pelo processo de semiose e vale-se da constituição da influência tri-relativa, sujeito-objeto– interpretante, para análise do conteúdo e identificação proposta pelo romance, porém é claro, não deve esquecer que a produção do escritor por mais que tratasse de sua realidade contemporânea não passa de ficção, e por isso, algumas especificidades devem ser respeitadas. Assim o leitor/espectador ao comungar desse texto compartilha dessas etapas pra completar as lacunas deixadas pelo escritor. Portanto, é através dessas faculdades mentais, pensando



claro em Pierce, que o leitor do século XIX lia e compreendia a realidade exposta naqueles signos.

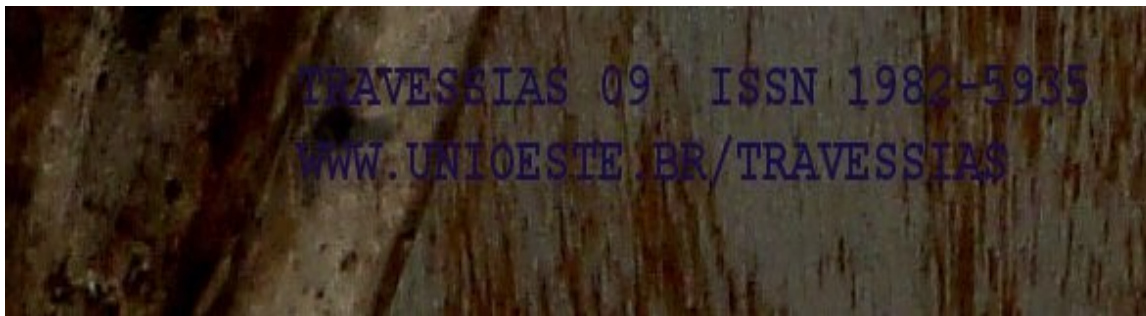
Desse modo, as produções audiovisuais também lançam mão do mesmo recurso utilizado pelo escritor, é dialogando com todo aparato cultural, social de cada época que as adaptações encaminham suas leituras, deixando lacunas para serem completadas pelos telespectadores, que em posse de suas faculdades mentais praticaram as ações estabelecidas por Pierce: Primeiridade, Segundidade, Terceiridade para ver, atentar para e interpretar os signos e as releituras de cada obra.

A ampliação do Umwelt e o configuração do poder: Juliana e seu Umwelt

Os textos audiovisuais, assim como também os textos queirosianos dos quais ela se apropria, são um material rico para que se analise a problemática de representação do mundo em literatura. Em *O Primo Basílio* acompanhamos a vida das personagens como um processo temporal e histórico que está sujeito às circunstâncias sociais.

A formação dos sujeitos sociais se dá através de um contínuo processo de aprendizagem, onde, por meio dos saberes e experiências reproduzidas pelas diversas instituições, os indivíduos adquirem, assimilam e interiorizam conhecimento que lhes permitem apresentar-se, posicionar-se e atuar em sociedade. Entre os aspectos centrais na formação de um sujeito social associa-se através da aprendizagem e construção de uma aprendizagem relativa à adaptação e ao ajuste dinâmico e reflexivo em relação as demandas provenientes do contexto social. E nesse sentido que passamos a análise de outro aspecto importante para compreensão desse trabalho, a concepção e dilatação do Umwelt. O termo Umwelt, em aplicação nesse trabalho, é estabelecido por Jacob Von Uexkull e pelo médico Thure Von Uexkull, porém a definição atribuída é a analisada pelo professor Jorge de Albuquerque Vieira, que afirma ao tratar do assunto que

A realidade manifesta-se ela mesma nesses mundos, descritos por UexKull como Umwelten (universos subjetivos) o qual como um senso de percepção rodeia todos os seres vivos como uma bolha – claramente delineada mais invisível para os observadores externos. Esta “bolha-de-universo-subjetivo”, como a mônada de Leibniz, são os elementos da realidade os quais compõe eles mesmos, uma síntese, realizada por todos os sujeitos e seus universos-subjetivos, ao mesmo tempo



submetendo-se a constantes mudanças em harmonia um com o outro. Esta realidade última – para a qual Uexkull usa o termo *Natur*, a qual repousa atrás e além da natureza concebida pelos físicos, químicos e microbiologistas, revela-se através de signos. (GODOY-DE-SOUZA apud VIERIA, 2001, p. 111/112)

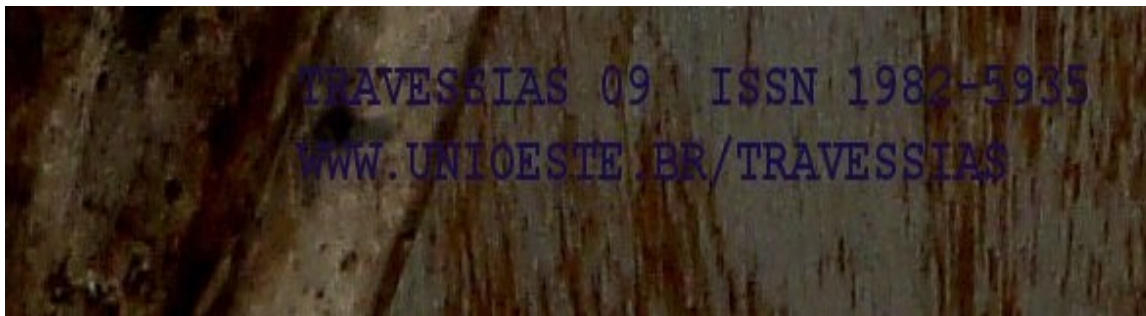
Por este ângulo, iremos analisar o *Umwelt* de alguns dos personagens femininos do romance e das adaptações audiovisuais. Antes de adentrarmos as análises, é importante sempre lembrar alguns pontos histórico-culturais referente à obra, uma vez que o texto abarca todo arcabouço cultural dos séculos XVIII e XIX, por isso, o papel da mulher acaba por ser limitado nesse período, sendo que suas atividades se limitavam a afazeres domésticos, a cuidar da casa, filhos e ser uma boa anfitriã.

A personagem Luisa, segundo Belline, representa a transposição para ficção das ideias de Eça sobre a educação da mulher. Para o escritor, a causa da deformação social é responsabilidade da exclusão da vida pública, que era atribuída às mulheres desse período. Para a estudiosa, a degradação moral da personagem, inicia-se com a educação exclusivamente para o casamento, visto nesse período, como única opção de vida para a mulher. Assim, quando a jovem vislumbra a possibilidade de casamento com Jorge, vê-se tranqüila e confortável. “Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para mama!” (p. 24).

Já a personagem Juliana, tem em sua figura a representação da mulher do povo, a criada que jamais aceita sua condição de subordinação. Na passagem abaixo Eça deixa evidente a disputa de classe, e a visão de Juliana como personificação da exploração do proletariado:

Tenho passado anos e anos a ralar-me! Para ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhoria pânria! È que levanto me às seis horas da manhã – e logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regala em vale de lençóis, sem cuidado nem canseiras. A senhora suja, suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! E a senhora, são tipóias, boas sedas, tudo o que lhe apetece – e a negra? A negra a esfalfar-se! (QUEIRÓS, 1997, p.208).

Tal qual o livro, as adaptações audiovisuais lançam mão dessa disputa de classe para traçar a trama de seus enredos. Na minissérie, por exemplo, ocorre com frequência a



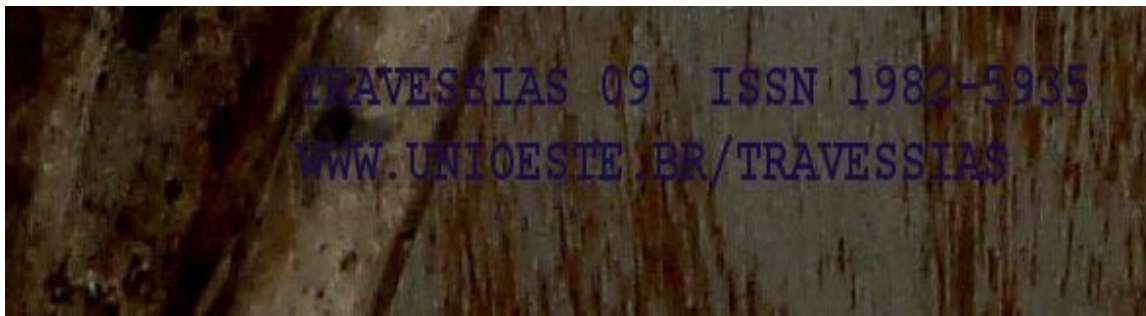
menção serviçal de Juliana. Em uma das reuniões na casa de Luísa, o chá de domingo, a empregada está a servir os convidados, uniformizada, com bandejas à mão, pronta para atender aos pedidos de seus patrões. Sendo assim, a luta de classe passa ser apontada como o motivo de tensão, o conflito entre o dominador e o dominado.

Portanto, cada personagem nas obras em análise tem pré-definidos os seus *Umwelts*, já que apesar de pertencerem à esfera do mundo feminino, as personagens Juliana e Luisa são antagônicas, uma vez que a primeira é a empregada e segunda sua patroa. Como ressaltado pelos estudiosos Jacob Von Uexkull e Thure Von Uexkull, o *Umwelt* é parte vital de uma espécie, sendo assim, o mecanismo responsável por sua evolução. Assim, como uma sobrevivente nata, a personagem Juliana tem seu *Umwelt* ampliado, já que a mesma precisa se manter viva na esfera de dominação de sua época.

E é por determinadas motivações, principalmente nos textos do Realismo, já que o cientificismo estava no cerne da ideologia do período, que se pode entender tanto a razão quanto alguns objetos que mobilizam determinados personagens, nesse caso Juliana.

Quando está anunciado em um “texto,” diversas informações para descrever o que motiva determinadas ações em personagens específicos, este fato passa a ser apresentado como um produto de múltiplos impulsos ou conflitos provenientes de diversos níveis da forma de constituição do personagem. Nessa perspectiva é concebido Juliana, que criada pela dor e pelo sofrimento, torna-se uma personagem amarga e fria. Nessa caracterização de Juliana torna-se muito evidente a teoria do condicionamento da personagem tanto pelo aspecto físico quanto pelas condições sociais. O espaço físico não é meramente gratuito ou estético na obra do escritor português; ele motiva o diálogo, dinamiza a ação, liga-se à vida das personagens, estabelecendo uma correlação íntima com a movimentação, projetando-se, muitas vezes, no seu comportamento e estado de espírito. As características negativas do temperamento de Juliana são determinantes pelas condições miseráveis que sempre viveu.

Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças, as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir ao hospital quando via a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde! Nunca se acostumara a servir! (QUEIRÓS, op. cit., p. 75)

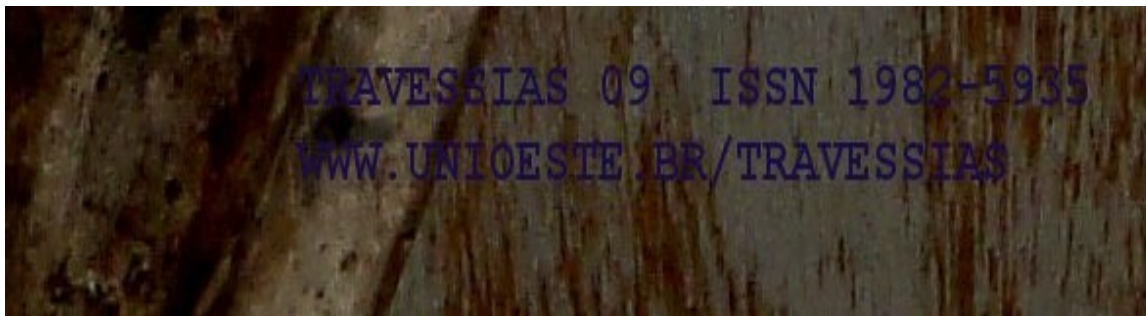


A constante luta pela sobrevivência pode ser um fator responsável pela formação do caráter e ideologia da personagem Juliana. Esses fatores impulsionam na personagem a dilatação de seu Umwelt, já que a mesma precisa ser ágil e sagaz. Sabe-se que a dilatação do Umwelt é de certa forma uma necessidade evolutiva para a espécie humana, isso a coloca cada vez mais em condições de compreender os significados pertinentes à Realidade última. A teoria do Umwelt proporciona uma ideia muito clara de como os seres vivos conseguem se desenvolver e evoluir a partir de seu universo-subjetivo, em meio às condições proporcionadas pela realidade. Vieira (1994), afirma que: “é ai, para nós, o que surge como o nosso conhecimento aparentemente, sem objetivo (...) é a dilatação do Umwelt, que através da intersubjetividade significa uma construção da espécie e não de um indivíduo”. A passagem abaixo, confirma como a personagem conecta as informações e as processa, valendo-se da ampliação de seu Umwelt:

Eram dez horas, Juliana foi tomar o seu chá, á cozinha. O lume ia se apagando; o candeeiro do petróleo estendia nos cobres dos tachos reflexos avermelhados.
— Hoje houve coisa, Sra. Joana – disse Juliana sentando-se. (Queirós, Ibid. p.123)

Para melhor ilustrar a ampliação e construção do Umwelt de um ser vivo, lançarei mão de um diagrama significativo que elucidará essas interconexões entre signos e a apreensão da realidade, denominado *Ciclo Funcional*. Esse diagrama resume a relação que se estabelece entre o processo de recepção de informação sobre a realidade e a percepção da realidade, que conjuntamente formarão o Umwelt. É imprescindível também relacionar a importância dos signos operacionais na construção e ampliação desse Umwelt, pois esses são responsáveis pelo processo de retroalimentação em um sistema perceptivo. Para definição de Ciclo Funcional, valho-me da estruturação proposta por Jorge Albuquerque Vieira (1994), que define esse diagrama como

a estrutura básica dos dramas que tomam lugar entre os organismos humanos e animal e os objetos de seus Umwelten. Estes dramas consistem principalmente de dois atos: no primeiro ato um objeto neutro do ambiente “harpoado” como um “portador de significado” por um órgão perceptivo ou uma célula perceptiva, no segundo ato ele é modificado pelo órgão operacional (Como um “utilizador de significado”) e neste processo ele desaparece novamente do Umwelt. A



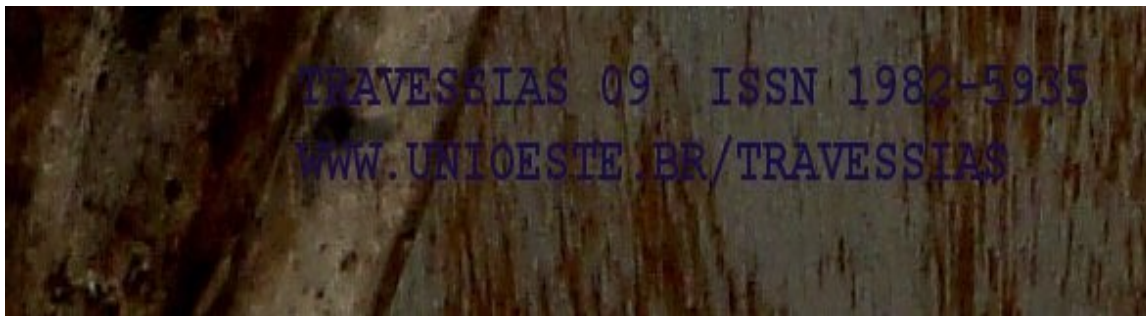
sugestão operacional apaga a sugestão perceptiva. (GODOY-DE-SOYZA apud VIEIRA, p. 126, 2001)

A personagem Juliana continua sendo um bom exemplo para nossa análise, pois a mesma tem em sua constituição um sistema de signos operacionais bem definidos. A passagem abaixo ilustra com clareza os signos operacionais que a empregada lança mão para conclusão de seu raciocínio:

- Está toda no ar! É cada suspiro! Ali houve-a e grossa. (...)
- E diz que lhe faça amanhã ao almoço um bocato de presunto frito, do salgado. Quer picante!!
- E com muito escárnio:
- Sempre a gente vê coisas! Quer picante! (Queirós, Ibid. p. 123/124)

Deste modo, a empregada vai conectando os objetos e atitudes de sua patroa em relação ao seu primo, a sua sugestão operacional e perceptiva. Flores, visitas, sorrisos, presunto bem picante frito, várias trocas de roupas íntimas, excesso de banhos, trocas de correspondências, tudo é analisado pela empregada, que se vale do seu universo operacional para o preenchimento de um universo perceptivo, no qual empregada estabelece a conexão entre a prima e o amante, ou seja, a existência do adultério. É esse processo de feedback, ou melhor, de retroalimentação, traçado pela empregada, que preenche de significado as atitudes comportamentais e sociais de Luisa. Thure Von Uexkull, explica como funciona esse processo de criação de sentido, gerado pelo Ciclo Funcional, acompanhe a análise do estudioso:

Metaforicamente falando, cada sujeito animal agarra seu objeto com duas “mandíbulas” de um par de pinças, uma mandíbula perceptiva e uma mandíbula operacional. Com a primeira mandíbula o sujeito passa para o objeto uma “sugestão perceptiva” e com a segunda mandíbula uma sugestão operacional. Assim, propriedades particulares do objeto tornam-se “portadores de sugestões perceptivas” e outras tornam-se portadoras de “sugestões operacionais”. Uma vez que todas propriedades de um objeto estão ligadas através da estrutura de um objeto, as propriedades representadas pela “sugestão operacional” são forçadas a exercer sua influência, através do objeto inteiro, nas propriedades em que a sugestão perceptiva carrega e também exerce influência para modificar a própria “sugestão perceptiva”. (GODOY-DE-SOYZA apud VIEIRA, p, 124/125, 2001)



Hélio Augusto Godoy-de-Souza, em seu livro: *Documentário, Realidade e Semiose: os sistemas audiovisuais como fonte de conhecimento*, aborda de forma clara e consistente os conceitos estabelecidos por Uexkull e amplia trazendo contribuições de Vieira referente ao Ciclo Funcional, quando o professor afirma que ao se praticar o Ciclo Funcional

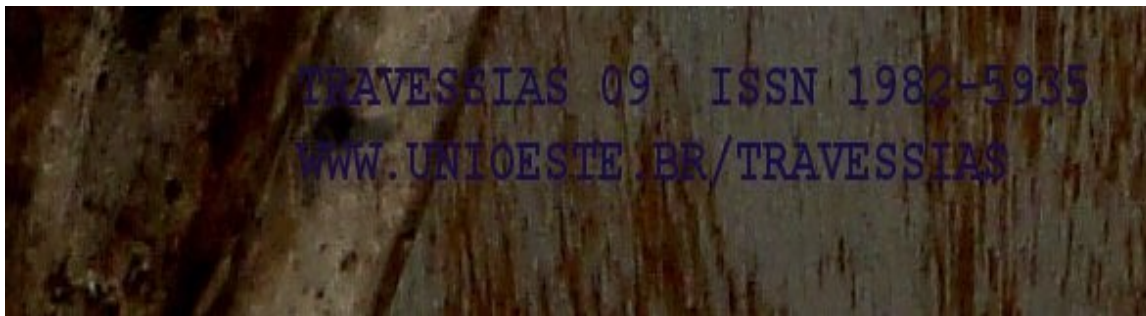
teremos toda a elaboração mental que conecta a percepção do constructo apoiada no ciclo funcional, sendo o aspecto operacional substituído pelo uso de “ferramentas mentais” que constroem signos intermediários entre o signo primário recebido (...) e a teoria ou modelo, sistemas abstratos preenchidos ou a preencher de significação. Estes signos intermediários tendem a extinguir a sugestão perceptiva, absorvendo-a, elaborando-a, traduzindo-a em algo que faça sentido, ou seja, a teoria ou modelos coerentes. (GODOY-DE-SOUZA apud VIEIRA, p, 131, 2001)

Portanto, a personagem Juliana se vale de um ciclo de signos perceptivos e operacionais para concluir seu raciocínio. A empregada preenche de significado esses signos e estrutura-se para obter melhor proveito dessas informações. Assim, através do Ciclo Funcional e da ampliação de seu Umwelt, a empregada controla a situação e se vê no comando da narrativa:

Juliana tomava seus caldinhos, dava seus passeios, ruminava. Joana, muito livre, muito só em casa, regalava-se com o carpinteiro. Não vinham visitas. D. Felicidade, na Encarnação, inundava-se de arnica. O Sr. Julião, “o doutor”, como dizia Joana, trabalhava a sua tese. As horas eram muito regulares; havia sempre o silêncio pacato. Juliana, um dia, impressionada por aquele recolhimento satisfeito de toda a casa, exclamou para Joana:
-Não se pode estar melhor! A barca vai num mar de rosas!
E acrescentou, com uma risadinha:
-E eu ao leme!

O primo Basílio: um processo de ressignificação

Publicado em 1878, *O primo Basílio* é uma obra fundamental do Realismo naturalismo português. O livro inova a criação literária da época, oferecendo uma crítica demolidora e sarcástica dos costumes da pequena burguesia de Lisboa. Desde sua publicação várias críticas foram atribuídas a essa obra. A célebre crítica de Machado de Assis a respeito do livro e seu fracasso ao empreitar uma ação moralizante, com seu enredo vazio e personagens títeres. Camilo Castelo Branco, diferente de Machado de Assis atribui



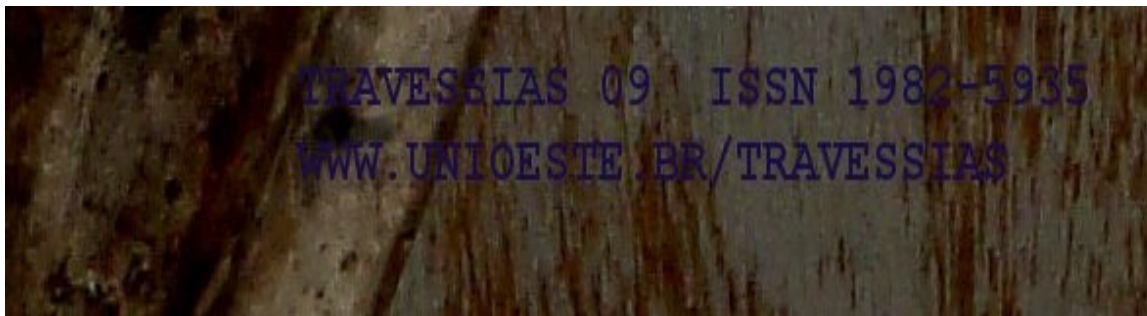
ao livro alto teor moralizante e doutrinador. Silviano Santiago ao comparar o romance português ao de Flaubert afirma que

as relações entre Madame Bovary e o Primo Basílio, e como de certa forma poderia ela explicitar o mistério da criação no romancista português, ao mesmo tempo que deixa clara, não sua dívida para Flaubert, mas o enriquecimento suplementar que ele trouxe para o romance de Emma Bovary, se não enriquecimento, pelo menos como Madame Bovary se apresenta mais pobre diante da variedade de O primo Basílio. (SANTIAGO, 2000, p.52)

Assim, com diferentes opiniões a respeito do romance, o texto de Eça passa a ser consumido por gerações diferentes de leitores que atribuem novos significados a signos presentes na obra. Belline, em *Roteiro de Leitura: O primo Basílio de Eça de Queirós (1997)*, afirma que o equilíbrio entre o histórico e o atual é o fator chave para ressignificação no romance, já que apesar de apontar para uma crônica de costumes do final do século XIX, o romance se renova pela temática atual que pode ser vivenciada ou compreendida em qualquer local. Sobre esse aspecto a doutora nos diz que: “O primo Basílio, apesar de intensamente português, possui uma história que poderia ter acontecido em qualquer outra parte do mundo ocidental (p.103)”.

Outro aspecto que explica o sucesso do romance é a forma artística com que Eça concebeu esse livro. Sua prosa poética, as marcas de subjetividade do narrador, a fotografia e descrição meticulosa e lírica dos ambientes, somadas a dramaticidade estética de momentos decisivos do romance, como por exemplo, a morte de Juliana e Luísa. Talvez seja por todos esses requisitos que a trama do escritor foi transposta para outros suportes de comunicação. No Brasil esse enredo já fora adaptado duas vezes, uma para a televisão em 1988 e outra para a linguagem cinematográfica em 2007.

Tal qual o livro, a minissérie também relata a viagem de Jorge ao Alentejo. O jovem engenheiro vai trabalhar e deixa sua esposa em sua casa sozinha. Inesperadamente Luísa recebe em sua casa seu primo Basílio, que encantado com a jovem começa a relembrar seu passado, seu namoro, suas aventuras. A jovem reluta dizendo que está casada. As visitas a casa da prima são constante, o primo tenta seduzir a jovem de todas as maneiras: flores, bilhetes, lembranças, carícias, até que a jovem não resiste e se entrega ao rapaz, achando que ele realmente a amava.



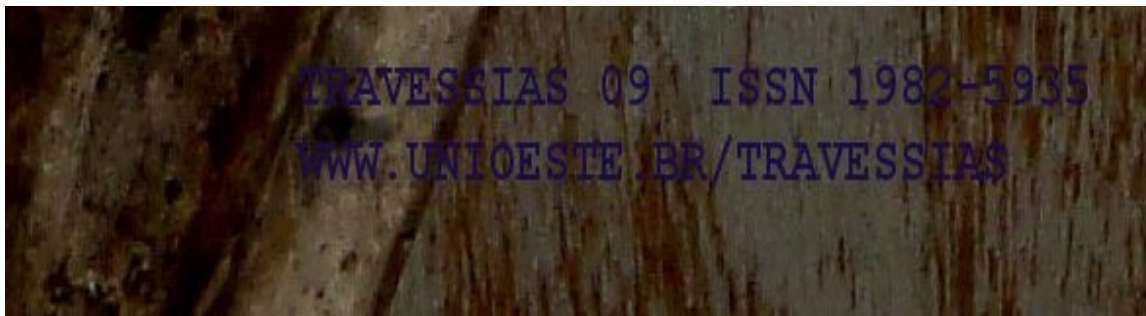
O romance foi cuidadosamente “transposto” para a minissérie, permanecendo os diálogos intocados, somados à encenação, ou seja, à interpretação dos atores, à composição cenográfica e demais recursos expressivos. É assim que, com a chegada de surpresa de Dona Felicidade, Luísa acaba jogando no lixo a carta que escrevera para seu amante. Juliana, muito atenta, pega-a do lixo e a esconde, para então chantagear a patroa. O cesto de lixo acaba por se tornar um signo plurissignificativo, pois é desse cesto que a empregada irá furtar o rascunho da carta da patroa, portanto, o que seria o fim de segredo e afinal o lugar de desarquivização do mesmo, junto com o lixo, vai embora também a tranquilidade do amor adúltero. Nesse contexto a empregada lança mão de seu universo-subjetivo, pois a mesma para construção de sentido a essa ação se utiliza de signos perceptuais, que segundo o próprio Uexkull “não somente são capazes de gerar percepções do mundo, mas produzem ainda uma sugestão de qualidades aos objetos que são denominadas de sugestões perceptivas (Godoy-de-Souza, 2001. p.116)”.

E é por meio dessas sugestões que a empregada estrutura o seu Umwelt e consegue traçar sua liberdade ao tomar posse dessas informações. Retomando os conceitos de signos e de ciclo funcional abordados há pouco, tem-se nesse episódio a concretização de um ciclo funcional. Portanto, com o ciclo estruturado e de posse da informação, Juliana passa a se orientar para conectar informações e concretizar outros ciclos. Godoy de Souza solidifica a afirmação ao dizer que

Em cada um desses ciclos uma organização sintática assegura que os signos que aparecem em ordem cronológica correspondem a palavras-chaves da respectiva operação. Assim cada nova ocorrência signíca – de acordo com a lógica inerente à operação – aparece onde o processo precedente terminou, e prepara-se para o seguinte. (THURE VON UEXKULL apud GODOY-DE-SOUZA, p.127, 2001)

Desse modo, a empregada de posse de bilhetes e cartas destinados ao amante da patroa começa a chantageá-la. Nesse processo ocorre a reconfiguração de papéis, a empregada passa a ser a dominante e a patroa a dominada. Assim, Juliana realiza a concretização de vários ciclos e começava a explorar a patroa.

Luisa começou a completar todas as manhãs os arranjos. Juliana percebendo logo; e muito tranquilamente decidiu-se a deixar-lhe cada vez mais com que se entreter. Ora não varria, depois não fazia a cama, enfim pela manhã não vazava as águas sujas. Luísa foi espreitar no



corredor que Joana não descesse, não a visse e fez ela mesmos os despejos! (QUEIRÓS, op. cit., p.314)

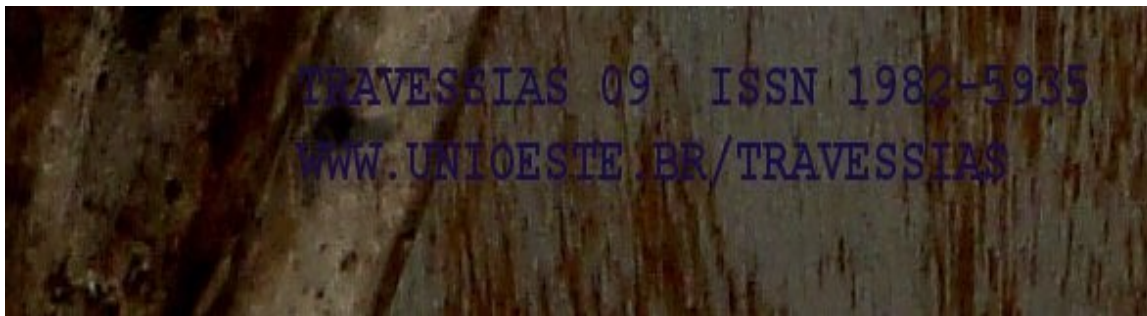
Para Juliana, as tarefas domésticas não eram mais suas obrigações e qualquer objeto que lhe lembrasse o serviço de casa tinha para o personagem outra significação. Por isso, Juliana enfrenta a patroa ao se negar em encher de água um bule. Na frente do marido, amedrontada, Luísa chama a atenção da empregada que sairá mais uma vez e deixará toda atividade por fazer:

— Então que desaforo é esse, sair e deixar tudo por arrumar? Disse Luísa logo, erguendo-se.
 — Não lhe torne a acontecer semelhante coisa, ouviu? A sua obrigação é estar em casa pela manhã. .. __ Mas o olhar de Juliana que se cravava nela terrivelmente, emudeceu-a. Agarrou no bule com as mãos tremulas:
 — Deite água nesse bule, vá!
 Juliana não se mexeu. (QUEIRÓS, Ibid. p.365)

Nesse contexto o bule passa a ter novo significado, o da submissão, ao afrontar a ordem da patroa, a empregada deixa claro de quem é a ordem de comando naquela residência. Portanto, um objeto doméstico passa a ter novo significado nesta situação, tornando-se assim um novo portador de significado. Godoy-de-Souza ao abordar as relações de significação aponta

Quando um utilizador de significado no organismo de um ser-vivo “harpoa” com uma ligação que forma significado, algum objeto neutro do seu ambiente, transformando-o em um portador de significado, uma luta ou um jogo entre dois parceiros diferentes tem início, um deles joga uma parte e o outro a correspondente contraparte (ponto e contraponto) (GODOY-DE-SOUZA aput VIEIRA, p. 125)

Assim sendo, alguns objetos passam a ter significados diferentes, ou melhor, passam a ser ressignificados, quando estão interligados por uma disputa qualquer. No caso do romance, a disputa de classe desde o começo ressaltada na figura de Juliana e Luísa evidencia essa afirmação. Portanto, a relação entre os diversos meios de comunicação se intensifica e ganha novos significados na sociedade contemporânea. Como se pode ver as produções d’O primo Basílio são exemplos dessa mescla que conduz à interface entre literatura, cinema e televisão, gerando novos produtos com estética híbrida que transita entre as linguagens literária, televisiva e cinematográfica. Desse modo, a relação entre literatura, televisão e cinema, sob o olhar da adaptação de obras literárias para o



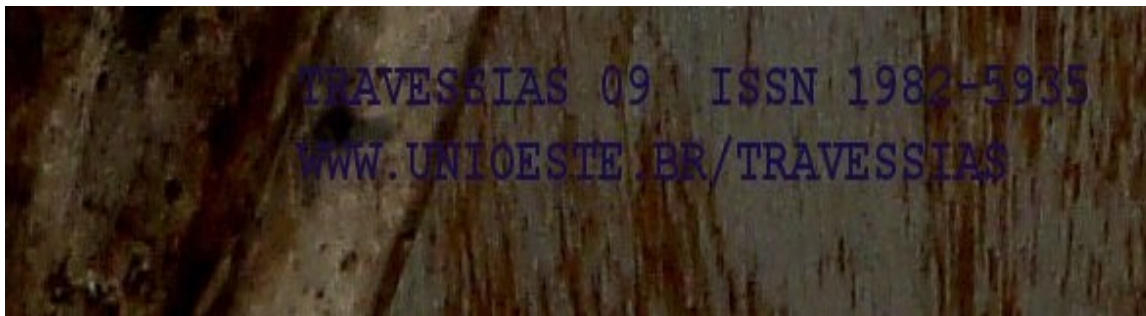
audiovisual, sugere a transcodificação (transformação da palavra literária em imagem audiovisual através da transposição de um código ao outro) da narrativa em imagem para o meio audiovisual, o que pode acarretar a intensificação de significados em determinados objetos.

Conclusão:

Em síntese, como se pode ver a literatura e as adaptações audiovisuais trabalham essencialmente com recursos imagéticos subjetivos, pois dependem principalmente do potencial imaginativo do autor, escritor ou adaptador, na elaboração da trama, nos personagens, nas ações; nos posicionamentos sociais, ideologias e outras infinitudes de especificidades. Outro elo importante nestas artes é a recepção, portanto deve-se dar atenção especial ao leitor/telespectador que com sua capacidade de conectar-se a esse universo criativo acrescenta-lhe sua maneira particular de enxergar o mundo, partindo com suas próprias experiências. E é nessa perspectiva que este trabalho estabeleceu comparações e entrelaçamentos entre Teoria do Umwelt, Ciclo Funcional e a teoria da Realidade proposta por Pierce.

Caminhando pela Metafísica pierciana e seus conceitos sobre a Realidade última, pode-se estabelecer conexões entre a Teoria do Umwelt, proposta pelo médico Thure Von Uexkull e seu filho Jacob Von Uexkull. Como verificamos foi através da dilatação do Umwelt, do Ciclo Funcional e dos universos-subjetivos que alguns personagens puderam “evoluir” e posicionar-se de maneira satisfatória em sua realidade. O personagem Juliana, por exemplo, foi um estereótipo clássico para essa afirmação. Já que, foi através da ampliação de seu Umwelt e seu universo-subjetivo que a mesma desenvolveu estratégias para uma melhor condição de vida.

Nessa perspectiva quando analisado a narrativa das produções tanto literárias quanto audiovisuais pode-se ver que alguns signos perceptuais e suas sugestões perceptivas foram grandes responsáveis pela concretização do Ciclo Funcional da personagem Juliana. Desse modo, comprova-se o processo e os mecanismos estabelecidos por Uexkull para demonstrar a relação que estabelece entre o processo de recepção da informação sobre a realidade e a percepção desta realidade. Assim surge uma importante consequência para a



construção dos Umwelts, e de suas dilatações, a gramática que usamos para compreender o mundo parece ter sido dada por este próprio mundo, o que não somente coloca os personagens do romance de Queirós, mas também toda a humanidade em condições de utiliza-lá não somente como uma criação ou recriação de um mundo, mas também de (re)conhecê-lo, descobri-lo e até de revelá-lo.

Assim sendo, os escritos de Eça e suas produções audiovisuais apresentam em sua narrativa uma gama de questões, dilemas e tópicos culturais que dizem respeito, direta ou indiretamente, a fatos que ocorrem na realidade de seus leitores/espectadores. Esses tópicos estão estruturados para propiciar debates, polêmicas que devem ser analisadas pelo público leitor, ou, os que as assistem, porque ao se identificarem com esses “personagens”, ou com essas discussões, o receptor terá a possibilidade de refletir sobre as alternativas relativas à atuação dos papéis que vem desempenhando, ou vão desempenhar na sociedade, fazendo uso dessa produção para concepção do seu universo-sujeivo, seu Umwelt e suas respectivas dilatações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

a) Do corpus básico:

QUEIRÓS, Eça. **O Primo Basílio**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1997.

O PRIMO BASÍLIO. Direção: Daniel Filho. Roteiro: Gilberto Braga e Leonor Basséres. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2007. 3 DVD (160 min.)

O PRIMO BASÍLIO. Direção: Daniel Filho. São Paulo: Buena Filmes, 2007 1 DVD (104 min).

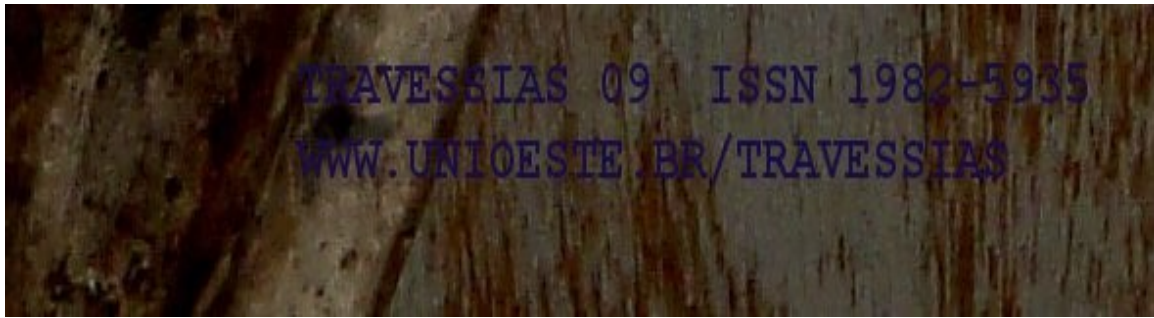
b) Sobre o corpus

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História Social da Literatura Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985

BELLINE, Ana Helena. **ROTEIRO DE LEITURA: O primo Basílio de Eça de Queirós**. São Paulo: Ática, 1997.

FILHO, Daniel. **O circo eletrônico; fazendo TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

GODOY-de- Souza, Hélio Augusto. **Documentário, Realidade e Semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo. Annablume/FAPESP, 2001.



MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32ª ed. São Paulo. SP: Cultrix, 2003.

SANTIAGO. Silvano. Eça, autor de Madame Bovary. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª Ed.. Rio de Janeiro. RJ: Rocco, 2000

SARAIVA. José Antonio. **A história da literatura portuguesa**. 12º Ed. Porto editora ltda, 1982.

SIMÃO. João Gaspar. **Eça de Queirós. Obra completa**. Volume I. Rio de Janeiro. RJ: Editora Nova Aguilar S.A., 1986.